

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS PIADAS DE LOIRA

Gisele Maria FRANCHI¹

RESUMO: Nesse artigo, apresento meu projeto de mestrado sobre a representação do feminino nas piadas de loira. O objetivo é compreender o funcionamento do discurso humorístico e os aspectos sociais e ideológicos envolvidos nessas piadas. A fundamentação teórica é a escola francesa de Análise do Discurso e a literatura sobre o humor (Bergson, 1993; Freud, 1977).

Palavras-chave: Análise do discurso; Piadas; Representação do feminino.

RÉSUMÉ: L'objet de cette recherche est l'étude de la représentation du féminin dans les blagues de blonde. Le but est comprendre le fonctionnement du discours humoristique e les aspects sociaux et idéologiques enveloppé dans ces blagues. La base théorique est l'école française d'Analyse de Discours et la littérature sur l'humeur (Bergson, 1993; Freud, 1977).

Mots-clés: Analyse de Discours; Blangues; Représentation du féminin.

1. Introdução

Esse projeto de mestrado, que está em seu primeiro ano de andamento, tem como objetivo estudar a representação feminina nas piadas de loira. Por meio, principalmente, da investigação de suas condições de produção, da representação identitária feita através de estereótipos e das ideologias veiculadas, seria possível obter subsídios para uma melhor compreensão do funcionamento do discurso humorístico e de sua relação com outros discursos e com a “realidade”.

O ponto de partida da análise proposta está na constatação de que há, no mínimo, contradições entre a situação atual da mulher e o discurso das piadas. Embora se afirme que a vida da mulher mudou, os textos humorísticos, conforme observou Possenti (2006), veiculam os seguintes discursos: i) as mulheres têm uma certa “fissura” pelo casamento; ii) elas continuam preocupadas com roupas, com compras, com beleza; iii) as mulheres desesperam-se ao saber que seu ex-namorado está com outra; iv) elas continuam fazendo sozinhas os serviços de casa, etc...

Contradições como essas podem oferecer interessantes pistas acerca de como o discurso humorístico funciona. Possenti (2006) formula algumas questões: em que medida o discurso humorístico pode indicar algum “indício” de que as condições históricas e sociais da

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista da Fapesp, processo número 2007/57272-1. E-mail: gisele.franchi@gmail.com

mulher não mudaram da forma como geralmente se costuma supor? Ou, pelo contrário, será que esse tipo de discurso apela a uma memória, exatamente porque a realidade mudou?

No que diz respeito às piadas de loira, embora atualmente a mulher tenha conquistado sua independência social, política e econômica, tais piadas rememoram discursos machistas. Isso seria um indicativo de que há uma contradição entre as condições sociais e históricas “reais” da mulher e do que dizem os textos de humor? A nossa hipótese é que, por veicularem uma ideologia machista, as piadas de loira representariam uma forma de reação dos homens diante da atual situação social em que as mulheres se encontram. Preocupados com as conquistas que as mulheres têm alcançado nas últimas décadas, os discursos veiculados nessas piadas apelariam principalmente a uma certa memória que é coerente com os interesses machistas.

No entanto, se piadas como essas circulam é porque a sociedade ainda é de alguma forma machista; em outras palavras, é porque há condições de produção para que a ideologia machista se materialize nesses discursos. Se for assim, pode-se questionar se as condições históricas e sociais da mulher realmente mudaram da forma como geralmente se costuma supor. Portanto, por mais paradoxal que possa parecer, acreditamos que as duas questões acima formuladas estão corretas.

A fundamentação teórica será principalmente a literatura sobre o humor e sobre a mulher. As bases da análise serão as da Análise do Discurso francesa, principalmente no que se refere aos conceitos relativos às condições de produção, à ideologia, à formação discursiva e ao interdiscurso. Abaixo, apresenta-se um breve resumo de alguns pontos-chave que nortearão a realização da análise proposta.

2. Referencial Teórico

2.1 Na Análise do Discurso (AD)

Para a compreensão de como o feminino está representado nas piadas de loira e, conseqüentemente, de como o discurso dessas piadas funciona, a noção de *condições de produção* (doravante CP) é fundamental.

Pêcheux (1990) define as CP a partir da reformulação do esquema informacional da comunicação proposto por Jakobson (1963). Com base nesse esquema, ele propõe um outro, em que não haveria mais mensagem, mas discurso – que Pêcheux define como “um efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1990: 81). Para Pêcheux, o que Jakobson representava por A e B (e chamava, respectivamente, de *destinador* e de *destinatário*) deixa de ser entendido como sendo *organismos humanos individuais* e passa a ser concebido como

lugares determinados na estrutura de uma formação social. Em outros termos, são posicionamentos historicamente constituídos.

Pêcheux (ainda em AAD-69) esquematiza diversas relações que se formam a partir de como uma determinada situação se configura para uma certa formação discursiva – e não como essa situação se apresentaria para A ou B entendidos como indivíduos, segundo a concepção proposta por Jakobson. Essas situações também são concebidas como imaginárias, constituídas a partir das posições A e B – e também dependem de condições históricas. Não se trata, portanto, da realidade física: “O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1990: 82).

Desse modo, assume-se que há regras de projeção. As relações entre as situações e as posições obedecem a regras. Todo discurso é constitutivamente marcado por essas relações imaginárias que se dão no interior de todo processo discursivo. Ou seja, essas relações configuram, entre outros traços, *condições de produção do discurso*: “Todo processo discursivo [supõe], por parte do emissor, uma *antecipação das representações do receptor*, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (ibidem: 84, grifo do autor).

Isso posto, passemos às outras duas noções centrais para a análise proposta neste projeto. Essas duas noções, que se relacionam de modo bastante intrínseco, são a de *formação discursiva* e a de *ideologia*. O conceito de formação discursiva (FD) é utilizado pela Análise do Discurso para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Pêcheux (1988) explica que uma dada FD, ao assujeitar o sujeito, o constitui, pois ela se configura em uma dada formação ideológica, a partir de uma dada posição sujeito e em uma dada conjuntura, se determinando, como espaço de dizer, pelas relações de poder e de saber que constituem cada classe. Assim, a formação discursiva determina *o que pode e deve ser dito*:

(...) as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: (...) os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 1988: 160-161).

Pêcheux buscou a noção de ideologia na releitura que Althusser fez de Marx. A tese central de Althusser é a de que “a Ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1998: 85), de forma que essa representação interpela o indivíduo em sujeito nas relações de produção.

O fato de, como dissemos acima, Pêcheux considerar o discurso como *um efeito de sentido entre locutores* é fundamental para que possamos expor, brevemente, mais um conceito importante no que diz respeito à análise proposta nesse projeto: o de *interdiscurso*.

Ao considerar o discurso como um efeito de sentido entre interlocutores, Pêcheux traz para o debate as condições históricas de produção desses discursos (conforme mostramos). Isso vai possibilitar o embate especificamente no campo ideológico, pois, o sujeito, ao formular, é atravessado pelo *Interdiscurso*, ou seja, ele toma posição, se inscreve num *já dito*, numa *memória discursiva* que o antecede, que é independente da sua vontade e que traduz as relações de poder constituídas histórico-ideologicamente.

A noção de interdiscurso é, pois, bastante relevante para a análise proposta neste projeto. O interdiscurso é parte das condições de produção do discurso – conceito-chave que guiará a análise – e determina os dizeres a partir da relação do sujeito com a língua e a sua história, por meio da ideologia.

2.2 Nas teorias sobre o humor (ou sobre o riso)

Uma das hipóteses que serão fundamentais ao longo da análise proposta é a de que o objeto risível das piadas de loira não são apenas as loiras, mas as mulheres de um modo geral.

O fato de transformar alguém em objeto de riso já é, por si só, relevante. Bergson (1993), autor de uma das mais importantes teorias sobre o riso, concluiu que esse gesto exclusivamente humano pode esconder uma intenção inconfessada de humilhar². Em linhas gerais, sua tese sobre o riso baseia-se na idéia de que rimos do Outro quando parece que este se mecanizou, automatizou seus gestos, suas expressões, suas palavras e até seus sentimentos. O riso vai acontecer justamente quando percebermos esse automatismo no Outro (a pessoa que apresenta essa rigidez diante da vida não se percebe como cômica).

O riso, de acordo com H. Bergson, é feito para humilhar, para intimidar e, por isso, é isento de bondade ou de simpatia. Ele é a forma como a sociedade se vinga: castiga certos defeitos como a doença castiga certos excessos, compara o autor.

Conclusões bastante semelhantes às de Bergson foram as de Freud (1977). Sob a ótica da psicanálise, ele analisou pormenorizadamente diversas produções chistosas e também concluiu que o propósito de agressão pode estar relacionado ao riso. Assim, para Freud, certos

² Na verdade, outros estudiosos já haviam chegado a essa conclusão muito antes de H. Bergson. Em *Hobbes e a teoria clássica do riso*, Quentin Skinner retoma as teorias dos grandes filósofos da Antigüidade e dos principais teóricos do Período Moderno sobre o riso, para, inclusive, confrontá-las com o pensamento de Thomas Hobbes. *Grosso modo*, a teoria de Hobbes, assim como a de Descartes, é a de que o riso estaria associado ao desprezo que sentiríamos pelos outros e teria relação com o sentimento de que seríamos superiores àquele de que rimos.

tipos de piadas podem servir ao propósito de extravasar impulsos hostis reprimidos pela sociedade: “(...) Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho...” (FREUD, 1977: 103). As análises possibilitaram a Freud perceber diversos outros propósitos relacionados aos chistes. Desse modo, além de servir à hostilidade, os chistes serviriam também para: i) suscitar prazer; ii) levar-nos de volta à infância; iii) servir ao propósito de desnudamento; iv) superar a inibição da censura; v) atacar as autoridades; vi) exhibir a nossa própria inteligência e vii) afirmar a nossa própria superioridade. Freud dedicou parte de sua obra à análise das técnicas dos chistes³. A razão de haver dado tanta importância às técnicas está no fato de ele ter observado que o efeito de humor dos chistes provém da forma, da técnica utilizada, e não do assunto, do conteúdo.

Com efeito, Possenti (1998) defende que o analista deve explicitar, deve descrever essas técnicas, que são a chave lingüística que provoca o riso. Que provoca o riso e que esconde algo mais. A fim de esclarecer essa afirmação, seria interessante considerar quais são, do ponto de vista lingüístico, as condições necessárias para que se tenha um chiste. Raskin (1985) assim as definiu:

- (i) A switch from the *bona-fide* mode of communication to the non-*bona-fide* mode of joke telling;
 - (ii) The text of an intended joke;
 - (iii) Two (partially) overlapping scripts compatible with the text;
 - (iv) An oppositeness relation between the two scripts;
 - (v) A trigger, obvious or implied, realizing the oppositeness relation.
- (RASKIN, 1985: 140).

De acordo com Raskin, as piadas utilizam um “gatilho” (um item lexical chave) para passar de um script a outro (scripts esses que, necessariamente, têm de ser opostos entre si). Frequentemente, o gatilho é uma palavra de duplo sentido. Essa técnica faz com que os discursos proibidos não fiquem tão explícitos e possam, assim, circular, livres de certas interdições. Observemos:

- *Qual é a diferença entre a loira e o caviar?*

- ?

³ Elas foram por ele classificadas em dois grandes grupos: i) *condensação* (fusão de duas ou mais palavras, idéias ou expressões com sentidos diferentes. Compreendem os *chistes verbais*, dos quais são exemplos o uso múltiplo do mesmo material e o duplo sentido) e ii) *deslocamento* (compreendem os *chistes conceptuais*, como o *nonsense*, por exemplo).

- *O caviar é só rico que come.*

Na piada acima, “come” é o gatilho que faz com que se passe do script NÃO-SEXUAL (“comer”, no sentido de “consumir alimentos”, no caso, o caviar) para o script SEXUAL (“comer”, significando “ter relações sexuais”, no caso, com a loira).

Não é, pois, por acaso, que juntamente com o duplo sentido, a técnica que mais encontramos nas piadas de loira é o pressuposto. De acordo com Ducrot (1987), o conceito de pressuposto implica idéias não expressas de maneira explícita e que são conseqüências do sentido de certas palavras ou expressões. Ilustremos com um exemplo:

- *Por que a loira só transa com anões?*

- ?

- *Porque, depois que ela ficou sabendo da AIDS, ela começou a reduzir os parceiros.*

Se a loira *começou a reduzir os parceiros*, está pressuposto que ela tinha muito mais parceiros do que agora (afinal, se ela começou a reduzi-los, se o número de parceiros diminuiu, é porque ele era anteriormente maior). Dessa forma, o estereótipo veiculado é o de que as mulheres são sexualmente disponíveis.

3. Considerações Finais

Segundo Possenti (1998), as piadas fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas, em particular para a Análise do Discurso – e, neste caso, principalmente no que diz respeito à defesa da tese da relevância das condições de produção. As piadas ocorrem “num solo fértil de problemas”, especialmente naqueles cultivados durante séculos de disputas e de preconceitos. Esse parece ser o caso das piadas de loira, cujo solo fértil, segundo a nossa hipótese, é a luta entre os gêneros.

Um argumento para ratificar essa hipótese reside na questão da estereotipia. Muito provavelmente, não é à toa que a inteligência da loira e/ou sua sexualidade foram os aspectos escolhidos para serem ridicularizados – e não outros (é interessante observar que as loiras não foram estereotipadas, por exemplo, como sendo más donas-de-casa ou como péssimas cozinheiras). Assim como a circulação de um discurso hostil visa a um propósito (conforme ressaltamos através do esboço das principais teorias sobre humor), pode ser que a veiculação de um determinado estereótipo também tenha um motivo.

Realmente, partindo da constatação de que as piadas de loira veiculam sempre os mesmos estereótipos (a saber, de que a loira é sexualmente disponível e desprovida de inteligência) e também de que elas rememoram discursos machistas, é possível supor que a liberdade recentemente alcançada pelas mulheres no campo sexual incomodaria os homens, já que esse seria um (forte) indício de que eles estariam perdendo seu poder sobre elas. Perdendo seu poder e seu espaço: o maior acesso das mulheres ao mercado de trabalho também seria um fator preocupante, uma vez que elas estariam competindo com eles (ainda que isso não se dê em uma relação de igualdade).

Também a escolha da loira como “bode espiatório” não parece ter sido à toa: ela ajuda a “camuflar” o discurso machista, já que se pode pensar que as piadas seriam uma espécie de “vingança” das demais mulheres contra as loiras, uma vez que, no nosso imaginário, estas seriam mais bonitas, mais sensuais que as outras mulheres (com efeito, algumas ruivas e morenas costumam pintar os cabelos de loiro, mas raramente acontece o contrário). Mas, mais do que isso, as piadas parecem servir-se do fato de as loiras serem consideradas belas, atraentes, uma espécie de *sex symbols*, para dar ênfase ao caráter sexual, ou seja, a uma suposta disponibilidade sexual da mulher – o que o cinema hollywoodiano tanto propala, sendo, talvez, a figura de Marilyn Monroe o exemplo mais representativo.

As piadas de loira parecem denotar uma relação interdiscursiva conflituosa, em que posições enunciativas diferentes se enfrentam. Elas devem ser olhadas, portanto, como sendo o resultado de condições históricas de disputa.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 7ª. edição, 1998.
- BERGSON, H. **O riso – ensaio sobre o significado do cômico**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993 [1899].
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1905].
- PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F., HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed., 61-162. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990 [1969].

_____. **Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, Editora da Unicamp, 1988 [1975].

POSSENTI, S. Uma representação humorística do feminino. **Estudos Lingüísticos** (São Paulo), 2006, v. XXXV, 01-08.

_____. **Os humores da língua: análise lingüística de piadas.** São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.